



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JOSÉ ROBERTO ELEUTÉRIO DA SILVA

**PROCESSO AVALIATIVO EM GEOGRAFIA: análise a partir da Escola
Municipal Erasmo de Araújo Souza, Montadas – PB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

JOSÉ ROBERTO ELEUTÉRIO DA SILVA

**PROCESSO AVALIATIVO EM GEOGRAFIA: análise a partir da Escola
Municipal Erasmo de Araújo Souza, Montadas – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado (a) em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia
Orientador: Prof. Dr. Marluce Silvino.

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, José Roberto Eleutério da
Processo avaliativo em geografia [manuscrito] : análise a partir da Escola Municipal Erasmo de Araújo Souza, Montadas - PB / José Roberto Eleutério da Silva. - 2016.
29 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Marluce Silvino, Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia. 2. Avaliação da aprendizagem. 3. Aprendizagem significativa. 4. Ensino fundamental. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

JOSÉ ROBERTO ELEUTÉRIO DA SILVA

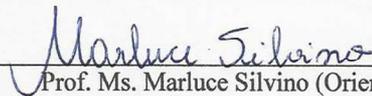
PROCESSO AVALIATIVO EM GEOGRAFIA: análise a partir da Escola Municipal
Erasmus de Araújo Souza, Montadas – PB.

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de
artigo apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado (a) em Geografia.

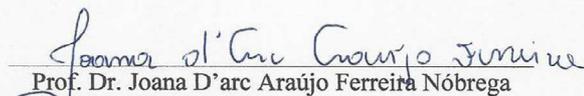
Área de concentração: Ensino de Geografia.
Orientador: Prof. Ms. Marluce Silvino.

Aprovada em: 19/04/2016.

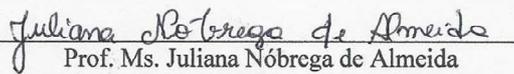
BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Marluce Silvino (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Joana D'arc Araújo Ferreira Nóbrega

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Juliana Nóbrega de Almeida

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 9.5

À minha esposa e aos meus filhos, pela dedicação,
companheirismo e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo que tenho e por todas as vitórias alcançadas no percurso da vida por Ele dada.

À minha querida esposa, Glêice Maria Ferreira Diniz Eleutério, e aos meus filhos, Estêvão Emanuel Ferreira Eleutério e Mateus Henrique Ferreira Eleutério, por servir de fonte de espição e motivação nos momentos mais difíceis.

Ao meu pai José Antonio Eleutério, a minha mãe Marlizete Silva Eleutério, e aos meus oito irmãos e irmãs, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Aos meus avós e a minha irmã Helenice (*in memoriam*), pelas lembranças maravilhosas.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) por ter-me dado a oportunidade de cursar uma faculdade e ser o primeiro da minha família a conquistar um diploma de curso superior.

À Orientadora, professora Marluce Silvino, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação durante a produção deste TCC.

Aos componentes da Banca examinadora por suas valiosas contribuições.

Aos alunos e demais profissionais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Erasmo de Araújo Souza que contribuíram maravilhosamente com este trabalho.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Geografia, os quais levarei em minha vida e terei sempre enorme carinho e gratidão, por todas as contribuições que a mim trouxeram para que pudesse me tornar uma pessoa melhor e mais capacitada.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Estando a atual prática da avaliação educacional escolar a serviço de um entendimento teórico conservador da sociedade e da educação, para propor o rompimento dos seus limites, que é o que procuramos fazer, temos de necessariamente situá-la num outro contexto pedagógico, ou seja, temos de opostamente, colocar a avaliação escolar a serviço de uma pedagogia que se entenda e esteja preocupado com a educação como mecanismo de transformação social. (LUCKESI, 2003, p.28).

PROCESSO AVALIATIVO EM GEOGRAFIA: análise a partir da Escola Municipal Erasmu de Araújo Souza, Montadas – PB

SILVA, José Roberto Eleutério da

RESUMO

A avaliação é de extrema importância para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem devendo ser desenvolvida de forma complementar. Na realização do processo avaliativo se faz necessário a utilização de um leque de instrumentos que, por sua vez, permitirão a construção de análises relevantes do nível de aprendizagem em que se encontram os alunos. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar como é realizado a avaliação da aprendizagem na disciplina de Geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Erasmu de Araújo Souza em Montadas – PB, identificando qual a concepção que os membros da comunidade escolar possuem sobre o tema avaliação no ensino de Geografia. Para tanto foi realizado levantamento bibliográfico de autores que discutem a temática em questão, dos quais destaca-se Luckesi (2003) e Pontuschka (2007) dentre outros. Desenvolveu-se ainda observação durante as aulas da disciplina e a aplicação de questionários a comunidade escolar. Dentre os resultados obtidos foi possível encontrar alguns problemas no processo de ensino e aprendizagem, assim como a falta de uma concepção clara sobre a avaliação em Geografia pelos profissionais da comunidade escolar. Foi possível concluir que a avaliação está sendo realizada de forma pontual e quantitativa levando a uma classificação dos alunos por meio da obtenção de uma nota, sendo esta considerada como o único parâmetro de medição do caráter positivo ou negativo quanto ao nível de aprendizagem por parte dos alunos.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Avaliação da aprendizagem. Aprendizagem Significativa. Escola Municipal Erasmu de Araújo Souza.

INTRODUÇÃO

A Geografia possui um importante papel em nossa sociedade, sendo que nas mais variadas situações do dia a dia, utilizamos os conhecimentos dessa ciência. Sejam eles, conhecimentos mais simples como traçar um trajeto ou mais elaborados, mais complexos, como a confecção de mapa cartográfico, obtenção de dados climatológicos ou ainda a análise dos fenômenos urbanos. Esses conhecimentos já se tornaram parte de nosso cotidiano, seja em nossas relações políticas, sociais, culturais, econômicas ou nas interações com a natureza. A Geografia escolar não é diferente, o aprendizado adquirido pelo aluno nas aulas desta disciplina será de grande relevância para toda a trajetória de vida não apenas no ambiente escolar.

Na busca para que os educandos se apropriem desses saberes, que, por sua vez, são imprescindíveis para a vida em sociedade, é fundamental o acesso a uma escola e um ensino de qualidade. Esse ensino já deve ser oferecido ao aluno desde os primeiros anos das séries iniciais, para que venha a conquistar uma aprendizagem significativa. Assim tanto o

professor, como o aluno, para que tenham plena convicção se os conhecimentos geográficos foram assimilados satisfatoriamente faz-se necessário a utilização do processo de avaliação da aprendizagem.

A avaliação dentro do ambiente escolar deve estar inserida no processo de ensino/aprendizagem, possibilitando tanto ao professor, quanto ao aluno, a tomada de decisão de acordo com os resultados encontrados. Tornando possível ainda aos alunos conhecer seus erros e acertos e, dificuldades e obstáculos e dessa forma, uma mudança para melhorar a assimilação dos conteúdos. Ao professor, possibilita reavaliar sua metodologia de acordo com o resultado de cada turma e de cada aluno, refletindo sobre sua postura frente as dificuldades e desafios do espaço da sala de aula.

Nesse sentido, este trabalho analisa o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos da disciplina de Geografia do Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Erasmo de Araújo Souza (EMEFEAS) no município de Montadas - PB. Este tema foi escolhido devido ao fato de a avaliação ser um importante componente do processo de ensino/aprendizagem e este não ter sido pesquisado ainda na referida localidade, o que denota uma referência para as discussões futuras contribuindo para a reflexão sobre o ensino de Geografia que está sendo desenvolvido e se tem colaborado para a formação de cidadãos críticos e pensantes sobre o espaço geográfico.

Outra questão que nos levou a esta escolha é o fato de que quando a avaliação é realizada de forma incorreta ela acarreta vários outros problemas dentro desse processo, tais como a reprovação, a desmotivação por parte dos alunos, a evasão escolar, o incentivo a memorização (característico de um ensino de Geografia tradicional) devido a uma avaliação que propicia boas notas aos alunos que conseguiram decorar os temas expostos no livro didático, mesmo que tais assuntos não tenham nenhum significado para o aluno.

Durante a produção desse trabalho foram propostas as seguintes indagações e hipóteses: Como é concebido esse processo de avaliação? Ele é realizado de forma interligada ao ensino/aprendizagem ou a parte dele? Contribui com a aprendizagem e progressão dos alunos ou é utilizado apenas como instrumento de repressão e punição daqueles que não se encaixam nos pré-requisitos idealizados pelos professores? Os instrumentos avaliativos são variados ou a prova é utilizada como único instrumento avaliativo? O professor após a avaliação realiza um feedback [comentário] e possibilita aos alunos a correção de seus erros e a percepção desse momento de troca de saberes?

Para construir a discussão teórica do trabalho que respondem a estas questões, utilizou-se uma abordagem bibliográfica tendo como base conceitual obras de autores como

Luckesi, Vesentini, Filizola, Pontuschka, entre outros que discorrem sobre a importância da reflexão sobre a avaliação no ensino de Geografia e sua aplicação em sala de aula do ensino básico. Após à análise dessas obras se procedeu uma pesquisa participativa com um período de observação durante a realização das aulas e das avaliações da disciplina de Geografia. Posteriormente se efetuou a aplicação de questionários com os alunos, professores da disciplina e à coordenadora pedagógica da Unidade de Ensino com o intuito de adquirir informações relativas ao processo avaliativo realizado na disciplina.

Quanto a aplicação de questionários, este alcançou um total de 50 alunos e 4 professores da disciplina de Geografia, sendo compostos de questões abertas e fechadas. Para a melhor identificação nomeamos os mesmos de A01 (Aluno 01) até A50 (aluno 50). Quanto aos professores da disciplina foram nomeados de PG1 (professor de geografia 1) até PG4 (professor de geografia 4). Devido ao fato de haver apenas uma coordenadora pedagógica na escola a identificamos como coordenadora pedagógica. Essas observações e atividades foram feitas no período de fevereiro a agosto de 2015 e a aplicação dos questionários foi realizada no mês de setembro do mesmo ano.

O trabalho em tela apresenta-se em três partes. Num primeiro momento foi organizado uma revisão histórica sobre o ensino de Geografia no Brasil e como o processo avaliativo se insere nessa discussão. Em seguida, apresenta-se a espacialização da escola assim como do município por meio de um mapa elaborado no programa ArcGIS com a utilização de dados obtidos no site do IBGE no mês de janeiro de 2016. Ainda nesse momento realizamos a análise das informações obtidas a partir dos questionários realizados com a comunidade escolar. Para finalizar, o trabalho contém as considerações que sintetizam sobre o processo de ensino e avaliação em Geografia com base no recorte de estudo escolhido, analisando os problemas encontrados e reforçando a importância de se realizar a avaliação de forma interligada ao processo de ensino/aprendizagem contribuindo para o saber em Geografia de modo significativo.

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA: o ensino e a prática avaliativa no Brasil

A Geografia foi concebida como ciência a partir do século XIX. Sua preocupação ou seu campo de estudo era as relações homem/natureza. Segundo Moraes (1987):

A sistematização do conhecimento geográfico só vai ocorrer no início do século XIX. E nem poderia ser de outro modo, pois pensar a geografia como um conhecimento autônomo, particular, demandava certo número de condições

históricas que somente nesta época estarão suficientemente maduras (MORAES 1987, p. 34).

Grandes autores tiveram importante participação para o surgimento e desenvolvimento da ciência Geografia e sua institucionalização. Podem ser destacados os alemães “Alexander Von Humboldt (1769 – 1859), Carl Ritter (1779 – 1859) e Friedrich Ratzel (1844 – 1904)” (FILIZOLA 2009, p. 13), além do francês Paul Vidal de La Blache (1845 – 1918). Sobre a influência destes, outros estudiosos desenvolverem pesquisas e estudos voltados para esta área do conhecimento, dentre eles destaca-se outro escritor alemão, Immanuel Kant (1724 – 1804), que mesmo não sendo geógrafo, se utilizou desta ciência para entender melhor as relações e as ações do homem juntamente com a natureza.

A partir do trabalho destes autores citados anteriormente, a Geografia passou a ser desenvolvida nas universidades e seu conhecimento divulgado pelo mundo.

A Geografia foi concebida como disciplina escolar só no ano de 1837 no Brasil e a primeira instituição a lecionar a disciplina foi o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. No Brasil, segundo Oliveira e Campos, (2011):

“[...] o ingresso da Geografia Escolar chegou sob influência maior do ideário francês de Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, que influenciaram estudiosos brasileiros, como Carlos Miguel Delgado de Carvalho e Aroldo de Azevedo, na produção de livros direcionados à Geografia Escolar” (OLIVEIRA E CAMPOS, 2011, p. 103).

Devido ao momento histórico que o país vivia (período da Monarquia e transição para República) a Geografia escolar passou a ser vista como uma base importante para capacitar a elite da época que por sua vez pretendia assumir cargos políticos. Segundo Filizola (2009):

Cabia à Geografia escolar naqueles tempos, fosse em nosso país ou na Europa, contribuir para a construção da nacionalidade. Nessa perspectiva, a disciplina apresentava um forte caráter patriótico. O qual, durante um longo período, teve como papel: inculcar nas novas gerações a ideologia do nacionalismo patriótico (FILIZOLA 2009, p. 15).

Diante de uma sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX, “[...] composta por africanos, afro-descendentes, nações indígenas, portugueses e seus descendentes, mestiços, além de imigrantes das mais variadas procedências” (FILIZOLA 2009, p. 16), se fazia necessário a criação de uma identidade nacional.

Neste período a avaliação da aprendizagem não só em Geografia, como também nas demais disciplinas, ocorria basicamente através dos exames. Esses por sua vez eram, segundo Filizola (2009, p. 53) “compostos por uma parte oral e outra escrita e que, tanto uma como a

outra, a capacidade de memorização de listas infindáveis de termos era colocada em xeque”. Não eram poucas as críticas a essa forma de avaliar/examinar os estudantes. Segundo o autor supracitado, para os pensadores da época era importante que se utilizasse uma avaliação “mais sistemática, criteriosa”.

A partir dos anos de 1920 o ensino escolar e conseqüentemente da Geografia passa a ser voltado para a formação do indivíduo para o mercado de trabalho. Sua função principal era garantir mão de obra segundo a ideologia capitalista para suprir a demanda das indústrias da época. Dessa forma a geografia apresentava-se com:

Discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, na sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança no sentido de uma despolitização total. (BRABANT 1989, p.18-19 apud OLIVEIRA, 2006, p. 11).

É nesse período que a avaliação da aprendizagem na disciplina passa a apresentar um caráter mais sistemático e mecânico. Os alunos passaram a serem avaliados constantemente através de testes, geralmente na forma de prova escrita, oral e/ou prática.

Com a implantação do Regime Militar no governo do Brasil a Geografia, tanto acadêmica quanto escolar passou a ser influenciada pela corrente Teórica-Quantitativa que se preocupava com a valorização e com a quantificação dos dados estatísticos obtidos. Nesta época a Geografia caracterizava-se ainda mais como uma disciplina voltada para a memorização. Segundo Vesentini (1984):

[...] a função do ensino da geografia, nesse contexto, é a de difundir uma ideologia da "Pátria", do "Estado-nação", tornar essa construção histórica "natural", dar ênfase não à sociedade (aliás, esta deve sempre ser vista como "comunidade", e os "problemas normais" que surgirem "serão inevitavelmente resolvidos pelo Estado", com as "leis" ou com os "planejamentos"), [...] (VESENTINI, 1984, p. 33-34).

A partir dos anos de 1970 passam a ocorrer diversas reformas nas mais diversas áreas, sendo uma delas na área da educação. É também neste mesmo período que a Geografia e a História escolar são fundidas em apenas uma disciplina, a saber a disciplina de Estudos Sociais que por sua vez integra ainda os conhecimentos da disciplina de Organização Social e Política do Brasil.

Segundo Nadai (1988, p. 4): “No Brasil, os Estudos Sociais aparecem, pela primeira vez, no bojo do movimento de renovação educacional que [...], caracterizou a década de 20 e início da década seguinte”. Mas é só a partir das décadas de 1950 e 1960, após a publicação da LDB nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, que haverá uma maior acentuação das ideologias de ensino dos Estudos Sociais.

Com a extinção tanto da Geografia quanto da disciplina de História dos currículos escolares houve uma inevitável desvalorização de ambas as disciplinas. Outra preocupação foi com a questão de os professores que passaram a lecionar as disciplinas de Estudos Sociais não terem conhecimento epistemológico suficiente para lecionar temas ligados a Geografia e a História, já que as suas formações eram em apenas uma dessas duas disciplinas. Estes fatos fizeram surgir um sentimento de insatisfação nas universidades. O MEC encontrou como saída para acalmar os ânimos a reimplantação dessas duas disciplinas no ensino primário (OLIVEIRA E CAMPOS, p. 104 – 105, 2011).

A partir do final da década de 1970 surge no Brasil um movimento que visava discutir os conceitos e os métodos de ensino da Geografia escolar. Nos debates a partir daí também são elaboradas novas propostas para o ensino de Geografia, estas originando a Geografia Crítica. Essa nova corrente propunha que os alunos passassem a ser um agente participativo na construção do conhecimento além de serem capazes de fazerem análise crítica-reflexiva sobre os fenômenos ocorridos em sua realidade.

A partir dos anos de 1980 surge uma proposta metodológica para a disciplina Geografia visando a melhoria de seus princípios. A AGB – Associação dos Geógrafos do Brasil teve grande papel especialmente por ser incentivadora da realização de novos estudos sobre o tema. Dessa forma, todas as mudanças que ocorreram no sistema de ensino eram espelhadas na realidade vivenciada pela sociedade da época que ocorriam especialmente no que diz respeito às questões econômicas. “Estas mudanças decorrem por sua vez do esgotamento do modelo econômico vigente trocado por outro que prioriza o investimento em conhecimento, criatividade, capacidade de solucionar problemas e adaptação ao processo produtivo” (PIZZATO, 2001, p. 39).

Nas décadas de 1970 e 1980 o ensino de Geografia se baseava em questionários. Isso contribuiu para que acreditasse que o “conhecimento geográfico é algo inútil relegado a memorização e não tem nenhum valor social e interpretativo da realidade” (LACOSTE, 1989). Segundo Cavalcanti (2003):

[...] as razões principais para não se gostar de Geografia podem ser analisadas a partir de dois pontos. Em primeiro lugar, há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola. Em segundo, percebem-se dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados. Esses dois pontos, embora estejam intimamente ligados ao ensino de Geografia, não focalizam propriamente o conteúdo da matéria ou o conhecimento geográfico enquanto tal (CAVALCANTI, 2003, p. 130).

Já na década de 1990 o governo brasileiro, através do MEC, lança os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, que trazem os principais temas a serem aprendidos pelos

alunos em cada ciclo da aprendizagem e cada tema proposto deve ser adaptado a realidade da sociedade. Segundo o PCN, a Geografia:

[...], tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele (BRASIL, 1998, p. 15).

Além de trazer em seu corpo todo um histórico da disciplina de Geografia, o PCN ainda indica quais são os principais objetivos de seu ensino, assim como disponibiliza orientações didáticas para o processo de ensino e aprendizagem da mesma. Dessa forma:

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que os alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia (PONTUSCHKA, 2007, p. 38).

É possível perceber que a Geografia vem ao longo do tempo sofrendo mudanças e melhorias de acordo com a realidade da sociedade da época em que essas mesmas mudanças aconteceram. Existiu, e ainda existe, uma busca por uma escola democrática e dessa forma a Geografia escolar deve lutar por este modelo de ensino. É necessário lecionar Geografia de forma associada a realidade dos educandos pelo fato de esta disciplina ser voltada para a vida e para o desenvolvimento completo do cidadão.

O ensino de geografia na atualidade

Desde seu surgimento como disciplina escolar, a Geografia adquiriu características que fizeram com que ela passasse a ser desvalorizada. Um dos fatores responsáveis por isto foi a questão de o ensino de Geografia durante algum tempo ter se aproveitado do recurso de decorar os assuntos lecionados. Segundo os PCN's o ensino e a avaliação da aprendizagem em Geografia têm ocorrido e ainda ocorre de forma que:

A memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino de Geografia, mesmo nas abordagens mais avançadas. Apesar da proposta de problematização, de estudo do meio e da forte ênfase que se dá ao papel dos sujeitos sociais na construção do território e do espaço, o que se avalia ao final de cada estudo é se o aluno memorizou ou não os fenômenos e conceitos trabalhados e não aquilo que pôde identificar e compreender das múltiplas relações aí existentes (BRASIL, 1998, p. 25).

Infelizmente, mesmo depois de muitas mudanças e do surgimento de uma Geografia crítica a partir dos movimentos ocorridos nas décadas de 1970 e 1980, as mesmas, no que diz respeito a forma de ensinar e avaliar o conhecimento dos alunos, não ocorreram em sua totalidade e muitas escolas ou professores tem promovido uma Geografia que ainda valoriza o recurso da memorização dos conteúdos. Na opinião de Passini (1994, p. 19) “o aluno não reflete, interpreta, analisa, compara ou generaliza, apenas recebe a informação, memoriza e reproduz, sem utilizar o próprio pensamento, suas leituras de mundo construídas anteriormente”.

Para Antunes (2010, p. 37) deve-se ensinar Geografia “para que os alunos possam construir e desenvolver uma compreensão do espaço e do tempo, fazer uma leitura coerente do mundo e dos intercâmbios que o sustentam”. Logo, ao aprender Geografia os alunos devem ser capazes de realizar análises críticas sobre as mais variadas temáticas e saber quais as implicações que elas podem trazer para a sua vida e para a sociedade a qual está inserido. Neste contexto é o ensino de Geografia que deve:

[...] permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam. Dessa forma, tem-se uma tomada de consciência sobre as responsabilidades, os direitos e deveres sociais, com o intuito de efetivamente tornar o aluno agente de mudanças desejáveis para a sociedade (NETO; BARBOSA, 2010, p. 161).

Outro problema que pode ser facilmente diagnosticado durante as aulas de Geografia é a pouca utilização de mapas e do globo terrestre, salvo quando estes são os temas de estudo do livro didático. Segundo Francischett (2002, p. 14) “nem todos os professores usam a Cartografia no que ela tem de mais precioso: a forma de comunicar os conhecimentos geográficos através das representações cartográficas”.

Não só na disciplina de Geografia, como também nas demais, a avaliação é hoje um tema que causa entre os membros da comunidade escolar vários debates e muita polêmica. A preocupação com a questão da avaliação é constante. Segundo Haydt (1988, p. 07), “[...] porque faz parte do trabalho docente verificar e julgar o rendimento dos alunos, avaliando os resultados do ensino”. Embasado nesta afirmação da autora, a avaliação é um processo pelo qual o professor avalia a aprendizagem dos alunos assim como a si mesmo e ao seu desempenho.

Já na visão dos alunos, a avaliação é geralmente associada a uma prova, onde sua obrigação é obter uma nota que os deixe na média para conseguir a aprovação no final do ano letivo. Para eles, esse momento é visto como punição e uma boa parte dos professores

realmente tem usado a questão da prova como uma arma para conseguir o que desejam, como manter os alunos comportados, fazer com que eles realizem as atividades. Dessa forma a avaliação escolar não tem cumprido seu objetivo. Luckesi (2002, p. 175) ao discorrer sobre a função da avaliação diz que: “[...] a avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de crescimento”.

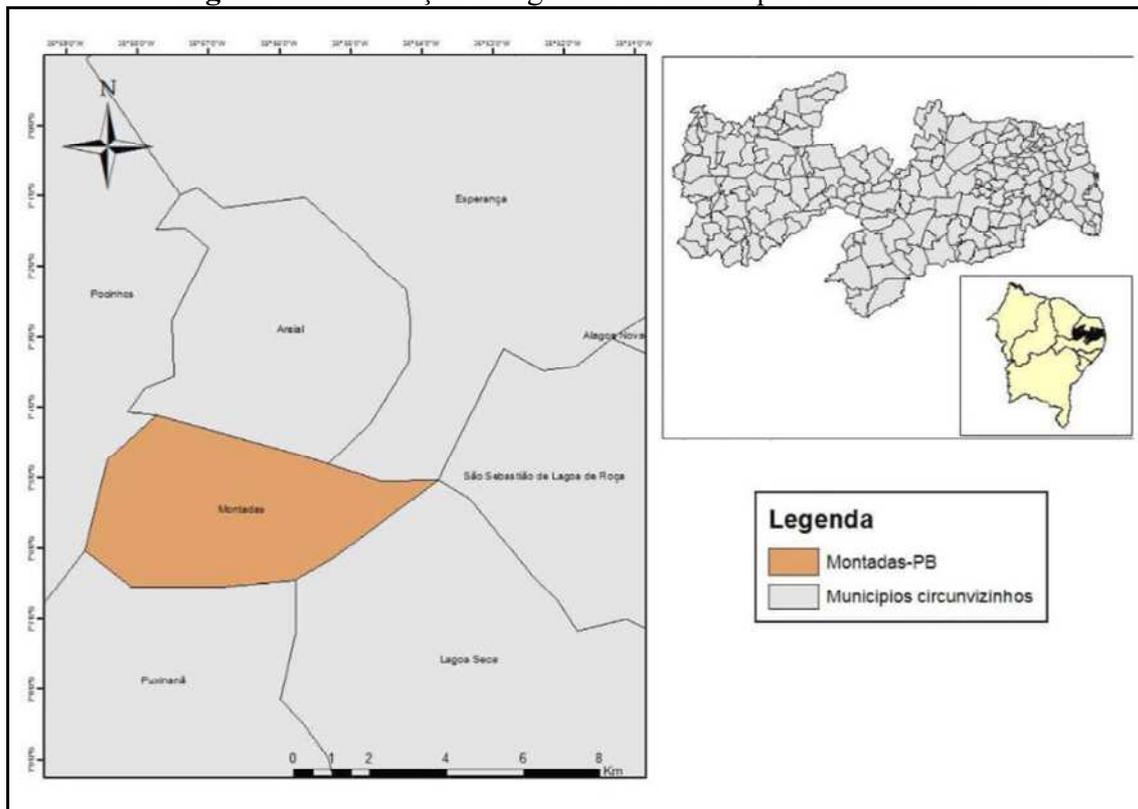
A avaliação deve ser vista e utilizada como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e não algo a parte. Muitos professores têm utilizado a avaliação como um determinado marco escolar, ela delimita onde um período de estudo sobre um determinado tema se inicia e termina e mede a aprendizagem dos alunos durante esse período. Nesse formato se perde a oportunidade de corrigir as lacunas que surgiram durante aquele período de aprendizagem. Outro problema relacionado com essa prática da avaliação é o fato de os temas geográficos não estarem interligados passando dessa forma a serem contemplados como independentes.

Devido à importância e necessidade de observação dos problemas gerados a partir dos modelos avaliativos, analisamos como ocorre esse processo na disciplina de Geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Erasmo de Araújo Souza em Montadas – PB e os resultados verificados estão descritos a seguir.

Espacialização do local da pesquisa e análise dos dados coletados

O município de Montadas está inserido na Microrregião de Esperança, localizado na porção ocidental do Agreste paraibano, Nordeste do Brasil. Ocupa uma área de aproximadamente 31,691 Km², entre 7° 08’ 26” de latitude sul (S) e 35° 54’ 46” de longitude oeste (O/W), estando a uma altitude média de 713 metros acima do nível do mar, o que lhe oferece um clima com maior umidade do que as regiões adjacentes. Tem como limites, ao Norte o Município de Areial, ao Sul o Município de Puxinanã e o Município de Lagoa Seca, a Leste o Município de Esperança e o Município de Lagoa Seca e a Oeste o Município de Pocinhos (IBGE, 2015). Na figura 01 é possível visualizar o município e sua localização no estado da Paraíba.

Figura 1: Localização Geográfica do Município de Montadas – PB.



Fonte: SILVA, José Roberto Eleutério da Silva, 2016.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Erasmo de Araújo Souza está localizada na Rua José Veríssimo de Souza, número 64, Centro de Montadas – PB. No ano da pesquisa, 2015, a escola possui 408 alunos matriculados nas séries do 6º ao 9º ano do ensino regular. A escola conta ainda com um total de vinte e oito professores, sendo que quatro são da disciplina de Geografia, uma coordenadora pedagógica, uma diretora adjunta e um diretor geral, além do pessoal de apoio.

No total, existem dezoito turmas do Ensino Fundamental II, oito delas no turno da manhã e dez no da tarde. A escola possui seis banheiros, sendo um adaptado para portadores de necessidades especiais, uma cantina, um refeitório, também é utilizado como auditório, uma sala de professores, uma secretária, uma diretoria, dez salas de aulas, uma sala de informática que ainda é utilizada como sala de vídeo e para a projeção de multimídias, possui também uma biblioteca que podem ser vistas na figura 2 a seguir.

Figura 2: Biblioteca e sala multimídia da EMEFEAS - Montadas – PB.



Fonte: SILVA, José Roberto Eleutério da Silva, 2016.

Apresenta-se na sequência os dados obtidos através da realização dos questionários sendo estes demonstrado pela interlocução com a coordenadora pedagógica, a equipe de professores da disciplina de Geografia e os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Erasmo de Araújo Souza.

Visão da Coordenadora Pedagógica Sobre a Avaliação na Escola

Conforme dito anteriormente, realizamos a aplicação de um questionário à coordenadora pedagógica da Unidade Escolar. Dentre as questões, procuramos conhecer a sua concepção sobre o que significa avaliar e se é de praxe, nas reuniões pedagógicas, debater sobre as teorias e as concepções avaliativas.

Em suas respostas a coordenadora disse que avaliar é; **“realizar uma coleta de dados e informações a partir da utilização de vários instrumentos, buscando dessa forma saber se os objetivos que foram anteriormente traçados foram também alcançados”**. Informou ainda que abordar a temática comumente nos planejamentos, considerando sua complexidade e importância.

Sobre ser função da avaliação da aprendizagem procurar identificar se os objetivos estão sendo alcançados a coordenadora afirmou, **“não ter certeza se esses objetivos foram realmente atingidos”**, também afirmou não ter condições de saber se os instrumentos avaliativos escolhidos pelos professores estavam de acordo com esses objetivos.

No que diz respeito aos planos de curso a profissional informou que este recurso não costuma ser visto como um documento norteador da prática pedagógica e sim mais um dos instrumentos de obrigatoriedade burocrática dos professores. Este fato é de veras preocupante pois:

A ausência de um processo de planejamento de ensino nas escolas, aliado às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica das aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser uma prática eventual acaba sendo uma “regra”, prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo (FUSARI, 2008, p.47).

Para a coordenadora, a avaliação deve ser empregada como diagnóstico, mas não só da aprendizagem do aluno como também do trabalho do professor, que de posse dos resultados deve, se necessário, reorganizar sua metodologia para alcançar melhores resultados.

Dentre os instrumentos avaliativos mais citados pela coordenadora estão a prova, os testes, atividades para casa, seminários entre outros. Com o emprego de variados instrumentos os alunos são melhor avaliados pois propicia uma avaliação mais justa que contemple todo o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Sobre a questão de o professor utilizar vários instrumentos avaliativos, Haydt (1988, p. 55) ao discorrer sobre esse assunto diz que “[...] quanto mais dados ele puder colher sobre os resultados da aprendizagem, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais válida será considerada a avaliação”.

Como afirmado anteriormente, a avaliação é um tema constantemente trabalhado na escola. Logo, se espera que a realizem como parte importante do processo de ensino/aprendizagem e não apenas de forma pontual, como um marco que delimita o final de um determinado período de ensino e início de outro. Sobre isto Quintana (2003, p. 163), afirma que “[...] temos que ver a avaliação como um aspecto integral do processo de ensino-aprendizagem e como parte essencial das tarefas que o docente executa em aula”.

Além da aplicação de questionário sobre o processo de avaliação da aprendizagem com a coordenadora pedagógica da escola, realizamos também a aplicação de um outro com os quatro professores da disciplina de Geografia. Segue abaixo os dados coletados e sua análise.

Visão dos Professores Sobre a Avaliação na Escola

De início, perguntamos aos professores o que significa avaliar os seus alunos. Para eles, a avaliação é uma forma de acompanhar a evolução de um processo de aprendizagem. Podendo ser utilizada como uma **“forma de analisar as metodologias utilizadas em sala de aula”**, servindo para; **“verificar se os objetivos foram atingidos”**. Podendo ainda ser aproveitada para **“criar mecanismos que demonstrem as condições dos alunos no processo de ensino e aprendizagem”**.

Dessa forma, percebemos que as respostas analisadas separadamente não possuem o sentido completo do significado de avaliar os alunos, mas analisadas em conjunto, elas se complementam dando o significado completo do que é a avaliação da aprendizagem e qual a sua verdadeira função no processo de ensino/aprendizagem.

É possível perceber que existe uma preocupação com a situação da aprendizagem dos alunos e também em adaptar as metodologias de acordo com os resultados obtidos nas avaliações. Assim sendo, o processo avaliativo está servindo para nortear o trabalho do professor a fim de tornar possível o alcance de uma aprendizagem significativa.

No que diz respeito aos objetivos averiguamos que em sua maioria os professores se esforçam para garantir que suas avaliações estejam de acordo com os objetivos que foram traçados durante seus respectivos planejamentos. Apenas um professor informou que não, a sua forma de avaliar não está de acordo com os objetivos que de antemão foram propostos.

Questionamos ainda aos professores quais os instrumentos avaliativos mais usados. Dentre os instrumentos mais utilizados temos a prova, os trabalhos coletivos e individuais, as atividades para casa e as pesquisas em livros, revistas ou internet como os mais utilizados. Observamos também que dois professores (50%) ainda utilizam o comportamento dos alunos como instrumentos de avaliação e um professor faz uso da chamada oral para avaliar seus respectivos alunos. Esses dois casos específicos não são de bom proveito pois estão servindo apenas como uma forma de controle dos alunos com o intuito de garantir que os mesmos se comportem de acordo com a forma idealizada pelo professor. Segue abaixo a figura 3 (Principais instrumentos avaliativos utilizados pelos professores de Geografia), com os dados obtidos a partir das respostas dos professores.

FIGURA 3 – Principais instrumentos avaliativos utilizados pelos professores de Geografia.

PROVAS	4 PROFESSORES 100%
SEMINÁRIOS	3 PROFESSORES 75%
FICHA RESUMO	2 PROFESSORES 50%
ESTUDOS DIRIGIDOS	1 PROFESSORES 25%
RELATÓRIOS	1 PROFESSORES 25%
ATIVIDADES PARA CASA	4 PROFESSORES 100%
PESQUISAS (EM LIVROS, REVISTAS OU INTERNET)	4 PROFESSORES 100%
TRABALHOS INDIVIDUAIS	4 PROFESSORES 100%
TRABALHOS COLETIVOS	4 PROFESSORES 100%
COMPORTAMENTO	2 PROFESSORES 50%
CHAMADA ORAL	1 PROFESSORES 25%
TOTAL	4 PROFESSORES (AS) 100%

Fonte: SILVA, José Roberto Eleutério da, 2015.

Também perguntamos qual a significação que a nota possuía para cada um deles. Para alguns as notas não refletem fielmente o nível de conhecimento do aluno, mas servirão como um referencial para que os mesmos analisem sua própria aprendizagem. Para outro, ela servirá como um resumo de tudo o que é produzido em sala de aula. Em alguns casos a nota tem sido o objeto de desejo tanto de professores, quanto alunos e seus respectivos pais como afirma Luckesi (2002, p. 24), “[...] as notas se tornam a divindade adorada tanto pelo professor como pelos alunos”.

Na opinião de Bloom, Hastings e Madaus (1983, p. 67), o objetivo da avaliação não consiste em “[...] atribuir nota ou um certificado para o aluno, mas ajudar tanto ao professor como ao aluno a se deter na aprendizagem específica necessária ao domínio da matéria”. O fato de os alunos realizarem suas avaliações com o intuito apenas de conseguir uma nota satisfatória para a aprovação é preocupante por limitar a importante função da avaliação da aprendizagem. Na opinião de Vasconcellos (2002, p. 57), ela tem que servir para uma “[...] tomada de decisão quanto às providências a tomar rumo ao objetivo principal do processo ensino-aprendizagem que é o crescimento e a aprendizagem do aluno”.

Na opinião de um professor, a partir do momento em que a nota servir de um referencial da aprendizagem dos alunos, também vai servir para nortear o professor em seu fazer pedagógico. Dessa maneira será possível ao professor ter conhecimento do que está certo ou errado em sua metodologia e como consequência readaptar seu trabalho pedagógico a fim de garantir sucesso no processo de ensino/aprendizagem, tanto para os alunos quanto para o professor.

Questionamos ainda aos professores se no momento da devolução das provas ou outro tipo de avaliação é feito um *feedback* [comentário], que por sua vez, é um diálogo entre professor e aluno, onde é realizado uma análise dos erros e acertos buscando saber quais são suas respectivas causas. Os quatro professores da disciplina afirmaram que costumam realizar o *feedback* periodicamente após as avaliações.

Questionamos ainda se o *feedback* era importante e o porquê de o considerarem ou não importante. Neste caso, todos os professores afirmaram ser necessário realizar o *feedback* [comentário] após algum tipo de avaliação pois, na opinião do professor PG3, é o momento onde é possível refletir com o aluno sobre a nota. Para o professor PG1 é o momento de esclarecer o motivo que levaram os alunos a obter resultados positivos ou negativos.

Fazer o *feedback* é de extrema importância pois na opinião de Bloom; Hasting e Madaus (1983, p. 145-146), “[...] o que o aluno precisa é de um *feedback* que o informe a respeito do que aprendeu e do que ainda necessita aprender”. Para 50% dos professores é

através do *feedback* que os alunos podem rever seus erros e acertos além de sanar possíveis dúvidas que surgiram durante o processo avaliativo.

Para 25% dos professores (as) é o momento de se adquirir elementos para tornar possível o planejamento da continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Ainda para o professor PG2 o feedback é uma ocasião: **“para que o professor e o aluno possam conversar sobre o que pode estar afetando o desempenho do aluno em sala e onde o professor pode inserir melhorias no processo de ensino-aprendizagem, para a obtenção de resultados melhores”**.

O feedback é necessário pois “todo aluno tem direito a saber por que mereceu uma determinada nota ou conceito” (WERNECK 1995, P. 117), dessa maneira a prática do ensino torna-se democrática valorizando assim o papel do aluno no processo de ensino/aprendizagem.

Questionamos aos professores sobre em que momento eles costumavam realizar as avaliações da aprendizagem com seus alunos. Do total de professores (as), 50% deles afirmaram realizar suas avaliações durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Um professor afirmou que realiza a aplicação de uma prova no final de cada bimestre e outras atividades no decorrer do mesmo. Segundo o professor PG2: **“é a escola que se encarrega de organizar um período de avaliação dos conteúdos, fato este que limita a prática de avaliação permanente do professor”**. Afirmou ainda que um dos problemas para a não realização da avaliação continua é o fato de os professores não participarem de cursos de formação continuada que abordem o tema.

No dia a dia escolar é de extrema importância que os alunos saibam que estão sendo avaliados e qual o objetivo dessa avaliação. Com base nisso também fizemos a aplicação de um questionário aos mesmos para saber qual a sua concepção sobre este tema. Os resultados deste questionário estão presentes no tópico a seguir.

Visão da Alunos Sobre a Avaliação na Escola

Devido ao fato de todo o processo avaliativo ser realizado para averiguar em que nível de aprendizagem cada aluno se encontra é necessário que estes, como seres participantes do processo, tenham total conhecimento de como o mesmo é realizado.

Questionamos se os professores (as) de Geografia lecionam o assunto com clareza e de forma fácil de aprender. Em suas respostas, apenas dois alunos (4%) afirmaram que **“não”**, o assunto não é ensinado com a clareza que deveria. Para 48 alunos (96%), os professores

lecionam com total clareza e dessa forma os assuntos ficam mais fáceis de serem compreendidos.

Perguntamos aos alunos se quando eles não assimilam bem o assunto ministrado pelo professor este reexplica, mas de um modo diferente que propicie uma melhor compreensão sobre o tema estudado. Para doze alunos (24%) os professores não explicam o assunto de outra forma para descomplicar o entendimento. Segundo alguns alunos, mesmo não entendendo o assunto na primeira explicação o professor segue adiante para o próximo tema, outros afirmaram que o professor (a) continua explicando da mesma maneira até que todos entendam. Fatos como estes são preocupantes pois tornam a disciplina repetitiva e cansativa.

Para 38 alunos (76%) os professores (as) explicam o assunto de maneiras distintas para facilitar o entendimento do tema. Segundo o aluno A33, quando a turma não compreende o tema após a explicação do professor, este reexplica de outra maneira para facilitar a compreensão.

Perguntamos ainda aos alunos, quais dos instrumentos avaliativos utilizados pelos professores de geografia eles gostam mais. Notamos que a maioria dos alunos da disciplina de geografia, cerca de 34%, preferem ser avaliados através da prova. Segundo eles o motivo da preferência é o fato de estudarem mais para ela, o que a torna mais fácil.

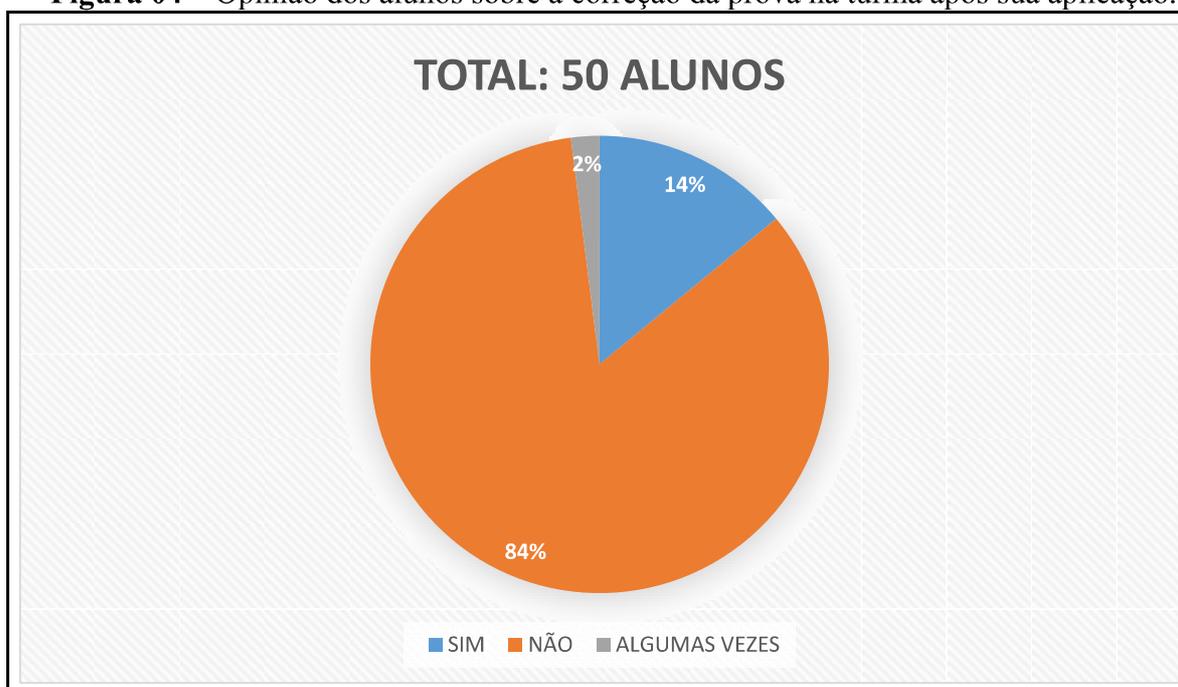
Em segundo lugar na elegibilidade dos alunos vem empatados, com 14% das escolhas, os trabalhos individuais e as atividades de pesquisa que são geralmente realizadas em livros, revistas e/ou na internet. Dentre as três formas de pesquisas citadas, as realizadas na internet são as favoritas dos alunos. Posteriormente na ordem das escolhas dos alunos temos os trabalhos em grupo e os estudos dirigidos ambos com 12%, com 8% temos a ficha resumo, com 4% os seminários e com apenas 2% das escolhas temos as atividades para casa.

Perguntamos também o que os alunos acham das provas realizadas pelo professor. Em suas respostas, 21 alunos (as), 42% afirmaram gostar das provas realizadas pelo professor. Na opinião do aluno A50 as provas são **“boas, é só estudar pouco tempo que fico com nota boa”**. Para outros 15 alunos (as) 30% a prova de geografia é fácil devido ao hábito de estudarem para realizar as mesmas. 5 alunos (as) 10% acham que a prova além de fácil, é também simples de ser compreendida. 5 alunos (as) 10% disseram que a prova era intermediária e não souberam explicar o motivo dessa afirmação. Outros 2 alunos (as) 4% disseram que depende de o assunto para a prova ser fácil ou difícil. E outros 2 alunos (as) 4% disseram que acham as provas difíceis e afirmaram que não estão habituados a estudar para a realização das mesmas.

Foi possível perceber que os mesmos alunos que informaram que as provas são boas, ou que expressaram que a prova é fácil são também os alunos que confirmaram possuem o hábito de estudar e assistem atentamente as aulas do professor e, segundo os próprios alunos, esse é o motivo de as provas serem fáceis. Segundo o aluno A49 as provas são **“muito boas, fáceis, costumo estudar, as aulas dele (o professor) são incríveis, é bem elaborada, por isso se você presta a atenção nas aulas, você acha as provas dele fáceis e realmente é”**.

No momento da devolução das provas corrigidas pelo professor é interessante que os alunos venham a ter um momento para corrigir os erros cometidos, tornando este mais um estágio de aprendizagem. Dessa forma, questionamos aos alunos se é frequente o professor disponibilizar uma parte da aula após a devolução da prova para que essa correção seja feita. Os resultados podem ser visualizados na figura 03.

Figura 04 – Opinião dos alunos sobre a correção da prova na turma após sua aplicação.



Fonte: SILVA, José Roberto Eleutério da, 2015.

Um total de 42 alunos (as) 82% afirmaram que não, habitualmente os professores não requisitam que os alunos façam a correção de seus erros após a devolução da prova corrigida pelo docente. O aluno A50 afirmou que é o próprio professor quem refaz e corrige a prova e não os alunos. O aluno A26 afirmou ainda que **“ele entrega a prova depois faz a correção verbalmente e passa para outro assunto”**.

Outros 7 alunos (as) 14% proferiram que sim, só que destes, 4 alunos (as), explicaram que é o professor quem corrige, ou seja, não é o próprio aluno que vai dispor da

oportunidade de reparar seus erros. 2 alunos (as) 4% disseram que sim. E apenas 1 aluno (a) 2% disse que o professor realmente disponibiliza um momento para que o mesmo refaça as questões erradas. Segundo o aluno a correção é feita no quadro. Ainda 1 aluno (as) 2% expos que isso ocorre. Informou ainda que só quando o aluno precisa de notas o professor manda refazer as questões erradas.

Podemos perceber, a partir das respostas dos alunos, que o processo de avaliação da aprendizagem tem sido realizado em função da obtenção de notas. Esse fato é preocupante pois o processo avaliativo deve ser parte integrante do processo de ensino/aprendizagem e contribuir para que os alunos alcancem uma aprendizagem significativa e não utilizado como um ato com função de propiciar notas esporádicas e sem conexão com a busca por uma aprendizagem significativa.

A realização da pesquisa na escola citada foi de extrema importância para o prosseguimento no trabalho de ensino/aprendizagem da disciplina de Geografia. No decorrer de todo o processo de pesquisa foi possível contemplar alguns problemas, não só por parte dos professores, mas também por parte dos membros da equipe gestora da escola, dos pais e dos próprios alunos. O processo de ensino e aprendizagem não é executado apenas pelo trabalho e esforço do professor. Todo o trabalho deve ser efetuado em sintonia e todas as partes supracitadas possuem importante papel nessa sintonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise dos dados obtidos a partir da pesquisa realizada algumas problemáticas foram evidenciadas, sendo duas as de maior destaque, estas vêm à tona ao confrontarmos as respostas dos professores e dos alunos sobre o feedback e também sobre a questão de os professores possibilitarem um momento para que os alunos corrijam seus erros após receberem de volta suas respectivas provas.

Em ambos os casos os professores informaram que essas práticas são costumeiramente realizadas no ambiente escolar. Mas quando analisamos as respostas dos alunos notamos que a grande maioria afirmou que essas práticas não acontecem. Na avaliação os professores devem utilizar todas as ferramentas possíveis para alcançar seus objetivos, assim como dar possibilidades aos alunos de reconhecerem seus erros e a partir daí corrigi-los.

Essa realidade mostra-se preocupante, pois a avaliação da aprendizagem deve ser uma importante parte do processo de ensino/aprendizagem que, dessa forma, possibilite aos

alunos uma aprendizagem significativa. Ter a possibilidade de tomar consciência e corrigir seus próprios erros é um verdadeiro avanço na aprendizagem do aluno.

Outro problema recorrente na realidade de nossas escolas é o fato de tanto a comunidade escolar quanto as famílias dos alunos valorizarem de forma demasiada a nota oriunda das avaliações. Todo o esforço das crianças e adolescentes do ensino fundamental tem ocorrido em função delas e não de uma aprendizagem plena. O aluno deve ser avaliado para se conhecer, saber o que aprendeu satisfatoriamente e o que ainda precisa ser melhor estudado.

A avaliação também precisa deixar de ser usada como uma arma pelos docentes para garantir que seus alunos façam suas atividades e se comportem de acordo com sua cartilha ou manual de bons costumes. Essa má utilização tem colaborado para que exista uma rejeição das avaliações por parte dos alunos, que por sua vez passam a vê-la como uma punição ou um meio de repressão. Como afirmado anteriormente a avaliação da aprendizagem deve ser concebida de forma integrada ao processo de ensino e aprendizagem.

É também de suma importância que exista uma diversificação dos instrumentos avaliativos para que, dessa forma, os professores possam dinamizar suas atividades avaliativas, transformando-as em aliadas ao fazer pedagógico. Dessa maneira o professor conseguirá atrair seus alunos e também ter real noção de qual o nível de aprendizagem de cada um deles. Tendo esses dados em mãos é hora de avaliar a si mesmo e ao seu trabalho. Caso os resultados não sejam satisfatórios é momento de levar em consideração uma eventual mudança de metodologia para assim alcançar melhores resultados.

O processo avaliativo deve servir ainda como um meio de comunicação entre professor e aluno, onde este detalha como está sua aprendizagem e quais dificuldades ainda possuem. De posse dessas informações o professor redireciona seu trabalho para ajudar o aluno a superar suas dificuldades. Dessa forma esse processo passa a ser válido e importante no dia a dia.

Atualmente, escola estudada, a prova ainda continua sendo o instrumento mais utilizado e em muitos casos o único instrumento. Como dito anteriormente, é importante diversificar os instrumentos avaliativos por dois motivos principais. O primeiro é o fato de ao utilizar apenas um instrumento, a avaliação se torna repetitiva e dessa forma desinteressante. O segundo é o fato de que com a utilização de apenas um instrumento o aluno não será avaliado em sua totalidade pois não será possível captar todas as especificidades do grau de aprendizagem em que o aluno se encontra.

Após a realização das avaliações é necessário que seja feito um momento de troca e discussão e que os alunos da Unidade de Ensino aqui analisada tenham a possibilidade de refazer as questões que errou, buscando um novo caminho para corrigir seu erro. É preciso utilizar também, mais instrumentos avaliativos como a auto avaliação, o portfólio, entre outros.

Podemos então concluir que o fator principal para que qualquer técnica avaliativa funcione com sucesso é uma boa relação entre o professor e seu aluno, podendo trabalhar em parceria, com uma comunicação constante entre ambos, onde as necessidades ficam visíveis e surge um relacionamento de confiança indispensável para o sucesso do processo de ensino/aprendizagem dentro da educação básica.

PROCESS EVALUATIVE IN GEOGRAPHY: analysis from the Municipal School

ErasmO de Araújo Souza, Montadas - PB.

SILVA, José Roberto Eleutério da

ABSTRACT

The evaluation is extremely important for the success of the teaching and learning process should be developed in a complementary way. In carrying out the evaluation process it is necessary to use a range of instruments which, in turn, will allow the construction of relevant analysis of the level of learning which are students. In this context, the objective of this study is to analyze how is carried out the assessment of learning in geography discipline of Municipal Elementary School Erasmo de Araújo Souza in Montadas - PB, identifying which design that members of the school community have on the subject of evaluation in teaching geography. For this was carried literature of authors who discuss the topic in question, of which stands out Luckesi (2003) and Pontuschka (2007) among others. It is further developed observation during the lessons of discipline and the application of questionnaires to school community. Among the results it was possible to find some problems in the process of teaching and learning, as well as the lack of a clear conception of the evaluation in Geography by the professionals of the school community. It was concluded that the assessment is being carried out in a timely and quantitatively leading to a classification of students by getting a note, which is considered as the only parameter for measuring the positive or negative character on the part by learning level students.

Keywords: Geography Teaching. Learning evaluation. Meaningful Learning. Municipal school Erasmo de Souza Araújo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. (Org.). **Geografia e Didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BLOOM, Benjamin S.; HASTINGS, John T.; MADDAUS, George F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1983.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, Lana. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2003.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no ensino de Geografia: Construindo os Caminhos do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Litteris Ed.: KroArt. 2002.

FUSARI, José. C. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em 20/03/2016.

HAYDT, Regina C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988. IBGE

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações Completas**. Acessado em 11 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250950&search=paraiba|montadas|infograficos:-informacoes-completas>.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1989.

LUCKESI, Cipriano. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 15^a ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MORAES, Antonio, C. R. **Geografia pequena história crítica**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

NADAI, Elza. **Estudos Sociais no Primeiro Grau**. MEC, *Revista Em Aberto*, Brasília, v. 7, n. 37, 1988.

NETO, Francisco. O. L; BARBOSA, Maria, E. S. **O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar**. *Revista de Estudos Geosaberes*. Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 160 – 180, dez. 2010. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/44/pdf10>

OLIVEIRA, Erilmar Dias; Campos, Maria Alcicleide Ferreira. **Análise do ensino de geografia no ensino fundamental no município de Portalegre – RN**. *GEOTemas*, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v 1, n. 2, p. 101-117, jul./dez., 2011. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/issue/view/25/showToc>

OLIVEIRA, Marlene. M. **A Geografia Escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino**. *Revista Discente Expressões Geográficas*, Florianópolis, n.2, p. 10-24, jun. 2006. Disponível em: <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo01.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2015.

PASSINI, Elza Y. **Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1994. 94 p.

PIZZATO, Maria. D. **A Geografia no contexto das reformas educacionais brasileiras**. *Geosul*, Florianópolis, v.16, n.32, p 95-137, jul/dez. 2001.

PONTUSCHKA, Nídia. N; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, *Níria* Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

QUINTANA, Hilda E. **O portfólio como estratégia para a avaliação**. In: BALLESTER, Margarita et al. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SHIGUNOV NETO, Alexandre.; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões**. *Educar*, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Editora UFPR

VASCONCELLOS, Maura. M. M. **Avaliação e ética**. Londrina: Ed. UEL, 2002

VESENTINI, José W. **Ensino da Geografia e lutas de classes**. Orientação: USP, São Paulo, 1984.

_____. **Realidades e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil**. In: VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. São Paulo: Papirus, 2004. p. 228.

WERNECK, Hamilton. **Prova, provão, camisa de força da educação: uma crítica aos sistemas de avaliação crivada de humor e propostas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.